

GÊNERO

UMA PERSPECTIVA GLOBAL

RAEWYN CONNELL

REBECCA PEARSE

Tradução da 3ª edição

Tradução e revisão técnica
Marília Moschkovich

nVersos

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	9
TRADUZIR RAEWYN CONNELL: COMO LER <i>GENDER</i> EM PORTUGUÊS	13
INTRODUÇÃO	25
1 • A QUESTÃO DO GÊNERO	29
PERCEBENDO O GÊNERO	29
ENTENDENDO O GÊNERO	36
DEFININDO "GÊNERO"	44
NOTA SOBRE AS FONTES	50
2 • PESQUISA SOBRE GÊNERO: CINCO EXEMPLOS	51
CASO 1: BRINCANDO, O GÊNERO NA VIDA ESCOLAR	52
CASO 2: SER HOMEM NAS MINAS	58
CASO 3: FLEXIONANDO O GÊNERO	63
CASO 4: MULHERES, GUERRA E MEMÓRIA	70
CASO 5: GÊNERO, MARGINALIDADE E FLORESTAS	76
3 • DIFERENÇAS SEXUAIS E CORPOS GENERIFICADOS	85
DIFERENÇA REPRODUTIVA	86
VISÕES CONFLITANTES SOBRE A DIFERENÇA	90
FATOS SOBRE A DIFERENÇA: PESQUISAS SOBRE "SIMILARIDADE SEXUAL"	101
CORPORIFICAÇÃO DO SOCIAL E A ARENA REPRODUTIVA	111
4 • TEÓRICAS, TEÓRICOS E TEORIAS DO GÊNERO	119
INTRODUÇÃO: RADEN ADJENG KARTINI	119
EUROPA IMPERIAL E SUAS COLÔNIAS: DE SOR JUANA A SIMONE DE BEAUVOIR	122
DA LIBERTAÇÃO NACIONAL À LIBERTAÇÃO DAS MULHERES	133
QUEER, PÓS-COLONIAL, DO SUL E GLOBAL	140

5 • RELAÇÕES DE GÊNERO E A POLÍTICA DO GÊNERO	153
PADRÕES NO GÊNERO	153
RELAÇÕES DE GÊNERO EM QUATRO DIMENSÕES	157
PODER: DIRETO, DISCURSIVO, COLONIZADOR	160
PRODUÇÃO, CONSUMO E ACUMULAÇÃO GENERIFICADA	164
CATEXIA: RELAÇÕES EMOCIONAIS	168
SIMBOLISMO, CULTURA, DISCURSO	172
ENTRELAÇAMENTO E INTERSEÇÃO	175
MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE GÊNERO	177
POLÍTICA DE GÊNERO	181
6 • GÊNERO NA VIDA PESSOAL	189
POLÍTICA PESSOAL	190
CRESCER GENERIFICADO:	
A SOCIALIZAÇÃO EM PAPÉIS SEXUAIS E A PSICANÁLISE	195
UM BALANÇO MELHOR: APRENDIZADO CORPORIFICADO	199
DISCURSO E IDENTIDADE	206
TRANSIÇÃO, TRANSGÊNERO E TRANSEXUAL	211
7 • GÊNERO E MUDANÇA AMBIENTAL	221
ECOFEMINISMO: DEBATENDO A NATUREZA DAS MULHERES	224
GÊNERO, DESENVOLVIMENTO E JUSTIÇA AMBIENTAL	232
GÊNERO E ADMINISTRAÇÃO AMBIENTAL	239
CONTINUANDO A PESQUISA PARA UMA SUSTENTABILIDADE FEMINISTA	245
8 • ECONOMIAS, ESTADOS E RELAÇÕES DE GÊNERO GLOBAIS	251
EMPRESAS GENERIFICADAS	252
ESTADOS GENERIFICADOS	259
AS APOSTAS NA POLÍTICA DE GÊNERO	268
GÊNERO NA SOCIEDADE MUNDIAL	274
POLÍTICA DE GÊNERO EM ÂMBITO MUNDIAL	280
CONSIDERAÇÕES FINAIS	287
REFERÊNCIAS	291
ÍNDICE DE AUTORAS E AUTORES (ÍNDICE ONOMÁSTICO)	315
ÍNDICE DE ASSUNTOS (ÍNDICE REMISSIVO)	319

1

A QUESTÃO DO GÊNERO

PERCEBENDO O GÊNERO

Em uma noite por ano, a atenção do universo dos espectadores de TV se foca no evento mais espetacular de Hollywood, a cerimônia de entrega do Oscar. Pessoas famosas são levadas por limusines diante de uma multidão entusiasmada e, sob uma avalanche de flashes, caminham até um auditório – os homens

andando com facilidade em seus smokings e as mulheres tomando cuidado por estarem de vestidos longos e sapatos de salto. À medida que a noite passa, prêmios são entregues para trilhas sonoras, fotografia, roteiro, direção, melhor filme estrangeiro e assim por diante. No entanto, nas categorias que dizem respeito às pessoas que vemos nas telas quando vamos ao cinema, há dois prêmios concedidos: melhor ator e melhor atriz; melhor ator coadjuvante e melhor atriz coadjuvante.

A internet é saturada de imagens de pessoas glamorosas, de modelos em peças publicitárias a todos os tipos de celebridades e figuras públicas. Quando a pop star Miley Cyrus se apresentou no MTV Video Music Awards (VMA) em 2013, as imagens de sua dança sexualizada viajaram pelo mundo a uma velocidade impressionante. Depois do evento, Cyrus tuitou: "Sorrisos! Minha apresentação no VMA teve 306 mil tweets por minuto. Mais do que o blackout ou o Super Bowl!". Grandes sites de notícias e entretenimento, mídias sociais, blogs e canais do YouTube enviaram ondas de papo pelo cyberspaço. Boa parte disso era um debate sobre o público estar ou não preparado para a transformação de Cyrus: de criança em símbolo sexual.

Enquanto os corpos das mulheres são elementos comuns das imagens que consumimos na internet, as mulheres têm bem menos chances de serem produtoras de conteúdo na rede. Em um questionário aplicado recentemente a seus membros, a Wikipédia descobriu que menos de 15% das pessoas que escrevem para a enciclopédia on-line são mulheres. O acesso à internet também é desigual. Em 2013, a empresa multinacional de tecnologia Intel apontou que, no mundo, o número de mulheres com acesso à internet é 25% menor do que o de homens. Enquanto em um pequeno conjunto de países, como a França e os Estados Unidos, as mulheres têm taxa de acesso à internet levemente superior à dos homens, o degrau entre o acesso dos homens em relação ao das mulheres chega a 45% na África Subsaariana.

Na política, as mulheres seguem sendo uma minoria. Todo ano uma "foto de família" é tirada nas reuniões do G20 em que os líderes de governo, representantes dos bancos centrais e outras autoridades financeiras de cada país se encontram para discutir o sistema financeiro internacional. Em 2013, quatro mulheres estiveram entre os vinte líderes nacionais da foto, representando a Alemanha, o Brasil, a Coreia do Sul e a Argentina. Esse desequilíbrio é normalmente ainda mais nítido. Nunca houve uma mulher chefe de governo na Rússia moderna, na China, na França, no Japão, no Egito, na Nigéria, na África do Sul ou no México. Nos casos do Brasil, da Alemanha, do Reino Unido, da Índia, da Indonésia e da Austrália, houve apenas uma em cada um desses países, ao longo de toda a sua história. Em 2013, estatísticas recentes da União Interparlamentar mostraram que os homens eram 79,1% dos membros dos parlamentos em todo o mundo.

Entre ministros, a predominância dos homens é ainda maior. Em 2012, apenas quatro países no mundo tinham mulheres ocupando pelo menos a metade de seus ministérios (Noruega, Suécia, Finlândia e Islândia). As proporções mais comuns de mulheres entre ministros em cada país eram em torno de 21% (Austrália, México), 11% (China, Indonésia, Japão), 6% (Malásia) e 0% (Líbano, Papua-Nova Guiné). As poucas mulheres que efetivamente chegam a esses postos são comumente encarregadas de áreas como assistência social ou educação. Por sua vez, os homens costumam controlar impostos, investimentos, tecnologia, relações internacionais, segurança e setores militares. Mesmo a Secretaria-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e o Banco Mundial até hoje só foram liderados por homens.

A representação das mulheres na política mudou com o tempo, mas lentamente e com muita dificuldade. Em 2011, a advogada francesa Christine Lagard foi a primeira mulher na

história a chefiar o Fundo Monetário Internacional (FMI). O número médio de mulheres em parlamentos aumentou no mundo de 10%, em 1995, para 20%, em 2012. A primeira mulher a ser primeira-ministra da Austrália, Julia Gillard, atuou durante três anos no cargo, tendo um recorde de oito mulheres em ministérios e cinco em seu gabinete. Ela foi destituída após uma manobra interna de seu partido. O novo governo conservador eleito em 2013 tinha apenas uma mulher no gabinete.

O que vale para a política também vale para o mundo dos negócios. Apenas sete dentre as duzentas empresas listadas no topo da bolsa de valores australiana em 2012 (incluindo aquelas responsáveis pelas revistas de ampla circulação) tinham mulheres como CEOs. Entre as quinhentas corporações gigantes internacionais listadas na “edição Global 500”, da revista *Fortune*, de 2013, apenas 22 tinham uma mulher como CEO. Em geral, esses números são apresentados para reforçar a percepção de que as mulheres são hoje 4,4% das mais poderosas lideranças de negócios no mundo. É mais ilustrativo dizermos que os homens compõem 95,6% dessa liderança.

As mulheres são parte substancial da população economicamente ativa, sobretudo nos empregos menos valorizados. Elas se concentram em postos de serviços – envolvidas em funções ligadas ao trabalho confessional ou administrativo, ao atendimento ao consumidor (telemarketing), à limpeza, à merenda, ao setor alimentício terceirizado e a outros tipos de trabalho relacionados ao cuidado, como educação básica ou enfermagem. Em alguma medida, as mulheres também estão bem presentes na indústria de chips e componentes eletrônicos, pois supostamente têm “mãos ágeis”. Apesar de a divisão detalhada entre funções consideradas masculinas ou femininas ser bem variada em diferentes partes do mundo, é comum que os homens predominem na indústria “pesada”, na mineração, em transportes ou em qualquer trabalho que envolva

uma máquina que não seja de costura. Em todo o planeta, os homens são a maioria da força de trabalho em cargos de gestão, contabilidade, no direito e em profissões técnicas, como engenharia e postos ligados à computação.

Por trás do trabalho remunerado, há um outro tipo de trabalho – o doméstico e de cuidados, que não é pago. Em todas as sociedades contemporâneas sobre as quais temos estatísticas, as mulheres realizam a maioria das tarefas domésticas de limpeza, cozinha, costura, cuidado com crianças e praticamente todo o trabalho de cuidado com bebês (se lhe parece que o cuidado com crianças e bebês não é um trabalho, é porque você nunca o fez). Esses tipos de trabalho são frequentemente associados a uma definição cultural das mulheres como pessoas cuidadosas, gentis, diligentes, estando sempre prontas para se sacrificarem pelos outros, por exemplo, como “boas mães”. Ser um bom pai raramente é associado a cortar sanduíches da merenda ou limpar a bunda dos nenês – embora haja algumas iniciativas interessantes hoje, que buscam promover o que se chamou, no México, de “paternidade afetiva”, ou seja, a paternidade com vínculos emocionais. Em geral, espera-se que os pais sejam responsáveis por tomar decisões e ganhar o pão, consumindo os serviços prestados pelas mulheres e representando a família fora de casa.

Enquanto grupo, as mulheres têm menos chances de serem encontradas na esfera pública do que os homens, e quando o são, têm menos recursos à disposição. Em quase todas as partes do mundo, é mais provável que os homens tenham empregos remunerados. As medições comuns da economia, baseadas nas práticas dos homens, excluem o trabalho doméstico não remunerado realizado pelas mulheres. Segundo essas medições, a “taxa de atividade econômica” das mulheres cresceu discretamente, mas ainda é dois terços menor do que a dos homens. As grandes exceções a essa regra são a Escandinávia e partes

da África Ocidental, onde as taxas de participação das mulheres na força de trabalho remunerada são surpreendentemente altas. Ao mesmo tempo, em alguns países árabes, a participação das mulheres na população economicamente ativa corresponde a apenas um quarto da participação dos homens e, em grande parte do sul da Ásia e da América Latina, à metade.

Uma vez estando entre a força de trabalho remunerada, então, quais as relações entre seus salários e os dos homens? Mais de trinta anos após a ONU adotar a “convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher” (CEDAW, 1979), nenhum salário feminino no mundo se equipara ao salário masculino. Em geral, as mulheres ocupam cargos e funções mais mal remunerados e, ainda assim, recebem 18% menos do que a média salarial masculina. Em alguns países, essa diferença é bem maior. A Zâmbia tem a maior desigualdade salarial, de 46% (2005), seguida da Coreia do Sul com 43% (2007) e do Azerbaijão com 37% (2008). Qualquer diferença de remuneração pode ser parcialmente explicada pelo padrão de comportamento segundo o qual as mulheres em geral trabalham menos horas e têm mais chances de estarem desempregadas. Outros fatores que explicam essa situação se relacionam a práticas salariais discriminatórias e à super-representação das mulheres em trabalhos pouco remunerados.

Portanto, a maioria das mulheres no mundo, especialmente as que têm filhos, é economicamente dependente dos homens. Alguns homens acreditam que as mulheres que dependem deles são sua propriedade. Esse é um cenário comum da violência doméstica: quando as mulheres dependentes não aceitam as exigências de seus maridos ou namorados, são surradas. Isso cria um dilema para essas mulheres, muito parecido com o que ocorre nas situações de violência vividas por trabalhadoras domésticas. Elas podem ficar e colocar a si mesmas e seus filhos

em risco, ou podem sair, perder suas casas, o apoio econômico e seu status na comunidade. Caso saiam, alguns maridos chegam a ficar tão enraivecidos que as perseguem e matam-nas, podendo até matar seus filhos.

Os homens não são tão frequentemente surrados por suas esposas e esposos, mas estão sob o risco de sofrerem outras formas de violência. A maioria das lesões registradas formalmente na polícia, em países que mantêm esse tipo de estatística, é comunicada e causada por homens. Alguns homens sofrem violência física e outros, de fato, são assassinados, simplesmente por serem entendidos como homossexuais, e parte dessa violência vem da própria polícia. A maioria dos presos são homens. Nos Estados Unidos, que têm o maior sistema carcerário do mundo, a população prisional em 2011 era de 1,59 milhão, sendo 93% desse total homens. A maior parte dos mortos em situação de combate são homens, pois constituem a esmagadora maioria das tropas de exércitos e milícias. A maioria dos acidentes de trabalho na indústria envolve homens, pois eles são também maioria na força de trabalho de indústrias mais perigosas, como a construção civil ou a mineração.

Os homens estão desproporcionalmente envolvidos em situações de violência parcialmente porque são preparados para isso. Mesmo que os padrões de criação das crianças variem entre culturas, o quadro encontrado na Austrália não é incomum. Os meninos australianos são estimulados – por seus pais, escolas e pela mídia de massas – a praticar esportes competitivos, como futebol, em que a dominação física é celebrada desde a mais tenra idade. Meninos sofrem também pressão dos colegas para se mostrarem corajosos e implacáveis e temem ser taxados de “maricas” ou *poofers* (um termo local usado no sentido de afeminado ou homossexual). Mostrar-se capaz de cometer atos violentos se torna, então, um recurso social. Meninos da classe trabalhadora, que não têm acesso a

outros recursos que os encaminhem a uma carreira, são massivamente recrutados para funções que operam com violência: polícia, Forças Armadas, segurança privada, crimes de colarinho azul e esportes profissionalizados. As mulheres jovens são as principais recrutadas para as funções que lidam com as consequências dessa violência: enfermagem, psicologia e assistência social.

Até agora, listamos uma gama de fatos sobre mídia de massas, política e negócios, famílias e crescer. Seriam esses fatos aleatórios? O pensamento moderno sobre gênero parte do reconhecimento de que tais fatos não são aleatórios, pois formam um padrão e fazem sentido quando vistos como parte de arranjos mais gerais do gênero, que chamamos aqui de “ordem de gênero”, em sociedades contemporâneas.

Perceber a existência da ordem de gênero é fácil; compreendê-la, não. Há teorias conflitantes sobre gênero, hoje, como veremos no capítulo 4, e alguns problemas relativos ao gênero são genuinamente difíceis de serem resolvidos. Ainda assim, temos uma grande riqueza de conhecimentos sobre gênero, advinda de décadas de pesquisa, e um repositório de experiências práticas do que constitui uma reforma no gênero. Temos uma base melhor do que qualquer geração anterior jamais teve para compreendermos as questões de gênero.

ENTENDENDO O GÊNERO

No cotidiano, tomamos o gênero como algo dado. Reconhecemos uma pessoa como homem ou mulher, menino ou menina, instantaneamente. Organizamos nossos afazeres em torno dessa distinção. Casamentos convencionais exigem pelo menos uma pessoa de cada gênero. Partidas de tênis na

modalidade de duplas mistas precisam de duas pessoas de cada gênero, mas a maior parte dos esportes exige um único gênero a cada disputa.

Em quase todos os anos, o programa de televisão mais assistido nos Estados Unidos é o Super Bowl, que, como a cerimônia de entrega do Oscar, é um evento altamente genericado: homens enormes em armaduras se chocam uns contra os outros, enquanto perseguem uma bola pontuda de couro, e mulheres magras, em saias curtas, dançam e sorriem durante os intervalos. A maioria de nós não sabe dançar nem se chocar contra outras pessoas com tanta habilidade, mas fazemos o que podemos de outras maneiras. Como homens e mulheres, escolhemos apertar os pés em diferentes tipos de sapatos, abotoar a camisa em lados opostos, cortar o cabelo com profissionais distintos, comprar calças em lojas separadas e abaixá-las em banheiros separados.

Esses arranjos são tão familiares que parecem fazer parte da natureza. A crença de que distinções de gênero são “naturais” faz as pessoas se escandalizarem quando alguém não segue o padrão: por exemplo, quando pessoas do mesmo gênero se apaixonam umas pelas outras. A homossexualidade é, então, classificada como não sendo algo natural, como algo mau.

Se fazer sexo com outra mulher ou outro homem não é natural, porém, por que temos leis que proíbem essa prática? Não temos punições ou penalidades para quem viola a terceira lei da termodinâmica. As decisões jurídicas antigay em cidades estadunidenses, o assédio sofrido por homens gays pela polícia no Senegal, a criminalização do adultério feminino na Charia (lei religiosa islâmica), a prisão de mulheres transexuais por violarem a ordem pública – essas ações só fazem sentido porque as questões que elas envolvem não são determinadas por natureza.

Esses eventos são parte de um esforço social enorme para canalizar o comportamento das pessoas. Ideias sobre comportamentos adequados a cada gênero circulam constantemente, não apenas pelas mãos de legisladores, mas também nas atitudes de padres, pais, mães, professores, publicitários, donos de pontas de estoque, apresentadores de talk-shows e DJs. Eventos como a cerimônia do Oscar e o Super Bowl não são apenas consequências de nossas ideias sobre diferenças de gênero. Efetivamente, ajudam a criar essas diferenças ao exporem masculinidades e feminilidades exemplares.

Ser um homem ou uma mulher, então, não é um estado predeterminado. É um tornar-se; é uma condição ativamente em construção. A filósofa feminista pioneira Simone de Beauvoir colocou isso em sua famosa frase: “Não se nasce mulher; torna-se”. Embora as posições de homens e mulheres não sejam simplesmente paralelas, o princípio também é verdadeiro para os homens: ninguém nasce masculino, é preciso tornar-se um homem.

Esse processo é frequentemente debatido como o desenvolvimento da “identidade de gênero”. Há algumas questões que precisam ser levantadas sobre esse conceito (veja melhor no capítulo 6), mas nos serve por enquanto como um nome para a sensação de pertencimento a uma categoria de gênero. A identidade inclui nossas ideias sobre esse pertencimento e o que este significa, ou seja, que tipo de pessoa somos, como consequência de sermos mulher ou homem. Essas ideias não nos são apresentadas quando bebês como um pacote fechado no início da vida. Desenvolvem-se (há controvérsias sobre exatamente em que momento) e vão sendo detalhadas ao longo dos anos enquanto crescemos.

Como Beauvoir reconheceu mais adiante, as transações de nos tornarmos pessoas generificadas seguem muitos caminhos diferentes, envolvem diversas tensões e ambiguidades e,

às vezes, produzem resultados instáveis. Parte do mistério do gênero está em como um padrão que parece tão rígido e nítido na superfície pode ser tão complexo e incerto quando o olhamos mais de perto.

Assim, não podemos pensar o ser mulher ou o ser homem como experiências fixadas pela natureza. Mas também não podemos pensá-los apenas como uma imposição externa realizada por meio de normas sociais ou da pressão de autoridades. As pessoas *constroem a si mesmas* como masculinas ou femininas. Reivindicamos um lugar na ordem de gênero – ou respondemos ao lugar que nos é dado –, na maneira como nos conduzimos na vida cotidiana.

A maioria de nós faz isso por vontade própria e muitas vezes se deleita com a polaridade de gênero. Contudo, ambiguidades de gênero não são raras. Há mulheres masculinas e homens femininos. Há mulheres que se apaixonam por outras mulheres e homens que se apaixonam por outros homens. Há mulheres que são chefes de família e homens encarregados de cuidar dos filhos. Há mulheres soldados e homens enfermeiros. Às vezes, o desenvolvimento da “identidade de gênero” resulta em um padrão intermediário, misturado ou nitidamente contraditório, para os quais usamos termos como afeminado, afetado⁹, *queer* e transgênero.

Pesquisas da área de psicologia sugerem que a grande maioria de nós combina características masculinas e femininas, em proporções variadas, em vez de concentrarmos-nos em um ou outro polo. A ambiguidade de gênero pode ser objeto de fascinação e desejo, assim como de nojo. As trocas ou imitações de gênero são comuns tanto na cultura popular quanto na alta cultura, de atores nos palcos de Shakespeare

9 Ou, como se diz em português brasileiro, de maneira pejorativa, “afetada”.

vestidos como um gênero que não o seu próprio, a filmes com mulheres transexuais e *drag queens*, como *Hedwig and the angry inch* (2001), *Priscilla, rainha do deserto* (2004) e *Hairspray* (2007).

Certamente, há misturas de gênero o suficiente para provocar uma oposição odiosa de movimentos que procuram restabelecer a “família tradicional”, a “verdadeira feminilidade” ou a “verdadeira masculinidade”. Em 1988, o papa João Paulo II estava tão preocupado com essa questão que divulgou uma encíclica¹⁰ intitulada “Sobre a dignidade e a vocação da mulher” (*Mulieris dignitatem*), lembrando a todos de que as mulheres foram criadas para a maternidade e que suas funções não deveriam se confundir com as dos homens. Em um pronunciamento de Natal em 2012, o papa Bento XVI criticou diretamente a teoria de gênero. No documento de 21 de dezembro daquele ano, que pautou seu discurso de votos natalinos à cúria romana, consta:

Manifesta-se o fundamento daquilo que hoje, sob o vocábulo “gender – gênero”, é apresentado como nova filosofia da sexualidade. De acordo com tal filosofia, o sexo já não é um dado originário da natureza que o homem deve aceitar e preencher pessoalmente de significado, mas uma função social que cada qual decide autonomamente, enquanto até agora era a sociedade quem a decidia. Salta aos olhos a profunda falsidade dessa teoria e da revolução antropológica que lhe está subjacente. O homem contesta o fato de possuir uma natureza pré-constituída pela sua corporeidade, que caracteriza o ser humano.

10 O documento ao qual as autoras se referem não é tecnicamente uma encíclica, mas uma carta apostólica.

Nega a sua própria natureza, decidindo que esta não lhe é dada como um fato pré-constituído, mas é ele próprio quem a cria.

Esse é um bom resumo de um dos principais *insights* da teoria de gênero. Claro que o papa estava argumentando contra isso, ao dizer que uma natureza essencial, biológica, deve determinar nossa vida pessoal e pública. Esses esforços para manter ideias essencialistas sobre a inflexibilidade do ser mulher e do ser homem são uma evidência forte de que suas fronteiras não são lá muito estáveis.

Contudo, não se trata apenas de fronteiras, mas também de desigualdades. A maioria das igrejas e mesquitas é gerida exclusivamente por homens, o que é parte de um padrão mais amplo. A maioria da riqueza corporativa também está nas mãos de homens, as maiores instituições são lideradas por homens e a ciência e a tecnologia são, em sua maioria, controladas por homens. Em muitos países, incluindo alguns com populações muito densas, as mulheres têm menos chances que os homens de aprenderem a ler e escrever. Por exemplo, dados recentes sobre o analfabetismo na Índia mostram que 75% dos homens aprenderam a ler, enquanto apenas 51% das mulheres tiveram acesso à alfabetização; na Nigéria, os dados indicam 72% de homens e 50% das mulheres. Em países como os Estados Unidos, a Austrália, a Itália e a Turquia, as mulheres de classe média conquistaram acesso total à educação superior e traçaram suas rotas a cargos gerenciais médios e profissões¹¹.

11 As autoras utilizam o termo “profissões” (*professions*) nesse pedaço do texto para marcar uma distinção entre trabalho remunerado e profissões. Falar em “profissões” implica falar de um tipo específico de trabalho remunerado, associado a certo status social, à presença de estruturas institucionais reguladoras, à necessidade de formação especializada, entre outros (ver como referência o trabalho do sociólogo

No entanto, mesmo nesses países, barreiras informais operam para que os níveis mais altos de poder e riqueza configurem majoritariamente um universo de homens.

O respeito também é desigual. Em muitos casos, como o das dançarinas de torcida organizada (*cheerleaders*) em jogos de futebol americano, as mulheres são tratadas à margem da ação principal ou, então, como objetos de desejo dos homens. Há gêneros humorísticos inteiros – como piadas sobre loiras, mulheres dirigindo, sogras – baseados na suposta trivialidade e estupidez das mulheres. Toda uma indústria que vai da pornografia pesada e prostituição a comerciais com leve erotismo (*soft-core*) vende os corpos das mulheres como objetos para o consumo dos homens. Quando há mudanças e reformas nos locais de trabalho para promover oportunidades iguais, em geral os homens respondem se recusando a se submeterem à autoridade de uma mulher. Não apenas a maioria das religiões impede as mulheres de ocuparem posições importantes na sua gestão, como também as enxergam como causadoras de estragos na vida dos homens.

Em geral, apesar de os homens se beneficiarem das desigualdades da ordem de gênero, esse benefício não ocorre de maneira uniforme. De fato, muitos pagam um preço considerável. Meninos e homens que desafiam as noções dominantes sobre a masculinidade por serem gays, afeminados ou considerados fracos são, às vezes, alvo de violência. Diferenças entre classes sociais e raciais também afetam os benefícios concedidos a diferentes grupos de homens. Homens que estão de acordo com as definições dominantes de masculinidade também

Andrew Abbott). No caso, as mulheres da classe trabalhadora sempre trabalharam (como empregadas domésticas ou trabalhadoras fabris, por exemplo), mesmo sem ter acesso a profissões (como médicas, engenheiras, advogadas etc.).

podem pagar um preço por isso. Pesquisas sobre a saúde dos homens mostram que, como grupo, os homens sofrem mais acidentes de trabalho do que as mulheres na indústria, têm taxas mais altas de mortes violentas, tendem a se alimentar pior e a consumir mais álcool e (não surpreendentemente) sofrem mais acidentes ao praticarem esportes. Em 2012, a expectativa de vida dos homens nos Estados Unidos era calculada em 76 anos versus 81 anos das mulheres. Na Rússia, após o restabelecimento do capitalismo, a expectativa de vida dos homens era de 63 anos comparados a 75 para as mulheres.

Logo, os arranjos de gênero são, ao mesmo tempo, fontes de prazer, reconhecimento e identidade, mas fontes de injustiça e dano. Isso significa que o gênero é inerentemente político – mas também significa que essa política pode ser complicada e difícil.

Na ordem de gênero, a desigualdade e a opressão têm levado repetidamente a demandas por reformas. Movimentos que buscam essa mudança incluem campanhas pelo voto feminino, pela presença das mulheres em movimentos anticoloniais e na representação de governos independentes. Há campanhas por salários iguais, pelo direito das mulheres à propriedade de terras e bens, por reformas da legislação que regula os direitos e práticas homossexuais, pelo sindicalismo feminino, por oportunidades iguais de emprego, por direitos reprodutivos, por direitos humanos para homens e mulheres transexuais e pessoas transgênero, contra a discriminação na educação, contra o machismo na mídia de massas, contra estupro e violência doméstica.

Campanhas políticas que resistem a essas mudanças ou propõem contrarreformas também vêm surgindo. A cena da política de gênero atualmente inclui campanhas antigay, antiaborto (“pró-vida”), um espectro de movimentos de homens e um debate internacional complexo sobre o feminismo ocidental e a dominação cultural ocidental no mundo. Um dos movimentos de mudança mais fortes do momento é a legalização

do casamento gay¹². Casais do mesmo sexo podem se casar em treze estados dos Estados Unidos e em seu distrito federal. Essa é uma reforma em rota de ascensão, sobretudo no Norte Global, mas também na América Latina. Entre os dezesseis países que permitem a gays e lésbicas se casarem, nove fizeram essa mudança de 2010 para cá.

Em toda essa história, os movimentos feminista e gay dos anos 1960 a 1970 foram cruciais. Não atingiram todos os seus objetivos políticos, mas tiveram um impacto cultural intenso. Chamaram a atenção para todo um campo da realidade humana que era até então muito pouco compreendido, criando, assim, uma demanda por conhecimento, mas também por ação. Esse foi o trampolim histórico para as atuais pesquisas sobre gênero. A prática política iniciou uma mudança profunda – que cada vez mais parece uma revolução – no conhecimento humano.

Este livro é uma tentativa de mapear essa revolução. Ele descreve o terreno revelado pela política do gênero e pelas pesquisas sobre gênero, introduz o debate sobre como compreender e transformar esse campo e oferece soluções para alguns dos problemas levantados.

DEFININDO “GÊNERO”

Conforme novas percepções sobre esses assuntos se desenvolveram, uma nova terminologia também foi necessária. Ao longo dos últimos trinta anos, *gender* se tornou comum em

12 No texto original, as autoras usam o termo “casamento gay” (*gay marriage*) em vez de “casamento homoafetivo” ou “casamento homossexual”, como tem sido usado no Brasil.

discussões em língua inglesa para descrever todo um campo. O termo foi emprestado da gramática. Em última instância, vem de um radical que significa “produzir” (*generate/gerar*) e que deu origem a palavras que significam “tipo” ou “classe” (*genus*) em diversas línguas. Na gramática, o “gênero” se tornou uma referência à distinção específica entre classes de substantivos “que correspondem mais ou menos” – como o *Oxford English dictionary* do século XIX primeiramente notou – “a distinções de sexo (e ausência de sexo) nos objetos de que se trata”.

A gramática sugere como tais distinções permeiam as culturas. Nas línguas indo-europeias e semitas, os substantivos, adjetivos e pronomes podem se diferenciar como femininos, masculinos, neutros ou de gênero comum. Não apenas as palavras para espécies que se reproduzem sexualmente podem ser generificadas, mas também as palavras para objetos, conceitos e estados mentais. O inglês é uma língua relativamente não generificada, mas os falantes ainda usam o pronome “ela” para se referir a um navio ou a um poço de petróleo (“ela vai explodir!”) e, frequentemente, tratam abstrações no masculino (“direitos do homem”).

A língua importa, mas não fornece um arcabouço consistente para compreendermos o gênero. O alemão, por exemplo, tem *die Frau* (a mulher) com o artigo definido feminino, mas ao dizer *das Mädchen* (a garota), é utilizado o artigo neutro, porque todas as palavras com diminutivos são neutras. O “terror” é feminino em francês (*la terreur*), mas masculino em alemão (*der Terror*). Outras línguas, incluindo chinês, japonês e iorubá, não fazem nenhum tipo de distinção de gênero na forma das palavras. Muito disso depende de como a língua é usada. Uma língua relativamente não generificada ainda pode ser utilizada para nomear posições de gênero e expressar opiniões sobre questões relativas ao gênero. Ao mesmo tempo, há comunidades em que certas palavras ou tons de voz são

vistos como pertencendo específica e, às vezes, exclusivamente a homens ou mulheres, ou como forma de expressar a masculinidade ou feminilidade do falante.

A maioria das discussões sobre gênero na sociedade enfatiza uma dicotomia. Ao começar a partir de uma divisão biológica entre homens e mulheres, define-se gênero como diferenças sociais ou psicológicas que correspondem a essa divisão, sendo construídas sobre ela ou causadas por ela.

Em seu uso mais comum, então, o termo “gênero” significa a diferença cultural entre mulheres e homens, baseada na divisão entre fêmeas e machos. A dicotomia e a diferença são a substância dessa ideia. Os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus.

Há objeções decisivas sobre essa definição do gênero:

- A vida humana não se divide apenas em duas esferas, nem o caráter humano se divide apenas em dois tipos. Nossas imagens de gênero são quase sempre dicotômicas, mas a realidade não o é. As evidências disso são abundantes e as veremos ao longo deste livro.

- Uma definição em termos de diferença significa que onde não vemos diferença, não vemos gênero. Com uma definição como essa, não poderíamos reconhecer o caráter generificado do desejo lésbico ou homossexual em geral (baseado na similaridade de gênero). Seríamos lançados a uma total confusão por uma pesquisa que descobriu diferenças psicológicas muito pequenas entre homens e mulheres, o que parece sugerir que o gênero teria evaporado (veja capítulo 3).

- Uma definição baseada em dicotomia exclui as diferenças entre mulheres e entre homens do conceito de gênero. Mas diferenças internas a cada grupo podem ser altamente relevantes para os padrões de relações entre mulheres e homens e entre homens e mulheres: por exemplo, as diferenças entre masculinidades violentas e masculinidades não violentas (veja capítulo 6).

- Qualquer definição em termos de características pessoais exclui processos que estão para além do indivíduo. Processos sociais de grandes dimensões baseiam-se na capacidade compartilhada de homens e mulheres, mais do que em suas diferenças. A criação de bens e serviços numa economia moderna se baseia em capacidades compartilhadas e trabalho cooperativo – mesmo assim, seus produtos são quase sempre fortemente generificados (por exemplo, o que fica em promoção numa loja de brinquedos), e a riqueza gerada por ela é distribuída de maneira altamente generificada. Os problemas ambientais estão ligados a padrões globais intensificados de produção e consumo que, por sua vez, têm dimensões generificadas.

As ciências sociais fornecem uma solução para essas dificuldades. A chave é mudar o foco, parando de enfocar diferenças rumo a um enfoque nas relações. Acima de tudo, o gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam.

A manutenção de padrões amplamente difundidos entre relações sociais é o que a teoria social chama de “estrutura”. Nesse sentido, o gênero deve ser entendido como uma estrutura social. Não é uma expressão da biologia, nem uma dicotomia fixa na vida ou no caráter humano. É um padrão em nossos arranjos sociais, e as atividades do cotidiano são formatadas por esse padrão.

O gênero é uma estrutura social de um tipo particular – envolve uma relação específica com os corpos. Esse aspecto é reconhecido no senso comum que define gênero como uma expressão de diferenças naturais entre homens e mulheres. Somos uma das espécies que se reproduzem sexual, e não vegetativamente como as bactérias (embora a clonagem possa mudar isso em breve!). Alguns aspectos da nossa anatomia são especiais para esse propósito, e muitos processos biológicos em nossos corpos são afetados por isso (veja capítulo 3). O que está errado com a definição do senso comum não é a atenção

aos corpos, nem a preocupação com a reprodução sexual, mas a tentativa de inserir a complexidade biológica e sua adaptabilidade numa dicotomia rígida, e a ideia de que os padrões culturais apenas expressariam diferenças corporais.

Às vezes, os padrões culturais, de fato, expressam diferenças corporais, por exemplo, quando se celebra a primeira menstruação para distinguir uma menina de uma mulher. Mas frequentemente, fazem mais do que isso – ou menos. Às vezes, as práticas sociais exageram a distinção entre mulheres e homens (por exemplo, no caso das “roupas para a maternidade”), negam essa distinção (como em diversas práticas empregatícias), mitificam-nas (como em videogames) e complicam-nas (como em culturas que têm um terceiro gênero). Não podemos dizer, portanto, que os arranjos sociais simplesmente “expressam” diferenças biológicas.

Podemos dizer, porém, que em todos esses casos a sociedade procura dar conta dos corpos e lida com processos reprodutivos e diferenças corporais. Não há uma base biológica fixa para o processo social do gênero. Em vez disso, o que há é uma arena em que os corpos são trazidos para processos sociais, em que nossa conduta social faz alguma coisa sobre diferenças reprodutivas. Este livro chama isso de “arena reprodutiva”, o que será mais bem discutido no capítulo 3.

Agora nos é possível definir “gênero” de forma a resolver paradoxos sobre a “diferença”. O gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais.

De maneira informal, gênero diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos e sua continuidade e com as consequências desse “lidar” para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo. Os termos usados nessa definição são mais bem explicados nos capítulos 4 e 5.

Essa definição produz importantes consequências. Entre elas: o gênero, como outras estruturas sociais, é multidimensional. Não diz respeito apenas à identidade, nem apenas ao trabalho, nem apenas ao poder, nem apenas à sexualidade, mas a tudo isso ao mesmo tempo. Padrões de gênero podem ser radicalmente diferentes entre contextos culturais distintos, e há certamente muita variedade entre as maneiras de pensá-los, mas ainda é possível pensar (e agir) entre culturas em relação ao gênero. O poder das estruturas na formação da ação individual faz com que o gênero quase sempre pareça não se transformar. No entanto, os arranjos de gênero estão sempre mudando, conforme as práticas humanas criam novas situações e as estruturas se desenvolvem tendendo a crises. Por fim, o gênero teve um começo e pode ter um fim. Cada um desses pontos será explorado mais adiante neste livro.

No capítulo 2, discutiremos cinco exemplos notáveis de pesquisas de gênero, para mostrar como as questões mais amplas que acabamos de mencionar são abordadas em investigações específicas. O capítulo 3 considera a questão da “diferença”, a extensão das diferenças sexuais e a maneira como a sociedade e os corpos interagem. O capítulo 4 discute as teorias de gênero em todo o mundo e os intelectuais e as intelectuais que as produzem. Um apanhado sobre o gênero enquanto estrutura social é apresentado no capítulo 5, explorando as diferentes dimensões do gênero e o processo de mudanças históricas. O capítulo 6 discute o gênero na vida pessoal e as políticas de identidade e relações íntimas. O capítulo 7 discute gênero e mudanças ambientais, introduzindo debates entre feministas sobre como compreender a relação entre gênero e a natureza não humana. Finalmente, o capítulo 8 traz um olhar sobre as relações de gênero e a sociedade no mundo de hoje e discute o que está em jogo nos movimentos que procuram mudança nesse campo.

NOTA SOBRE AS FONTES

A maioria das estatísticas mencionadas neste capítulo, como renda, taxas de atividade econômica e alfabetização, pode ser encontrada no relatório *Human Development Report*, da ONU (UNDP, 2013) (veja lista de referências no final do livro), ou nas tabelas on-line regularmente publicadas pela divisão de estatísticas da ONU. Cifras sobre representação parlamentar e número de ministros são da União Interparlamentar (2013) e as sobre executivos, da Workplace Gender Equality Agency, da revista *Fortune* e da CNN. Fontes de informações sobre a saúde dos homens podem ser encontradas em Schofield et al. (2000). Números sobre as desigualdades salariais foram retirados do relatório *Frozen in time: gender pay gap unchanged for 10 years* (Congelado no tempo: desigualdade salarial entre gêneros não muda há 10 anos), da International Trade Union Confederation (ITUC 2012). A citação sobre a mulher é de Simone de Beauvoir, em *The second sex* (O segundo sexo*) (1949, p. 295). Definições e etimologia da palavra “gênero” estão em *The Oxford English dictionary*, vol. 4 (Oxford, Clarendon Press, 1933, p. 100).